ANALÍTICA DA MIDIATIZAÇÃO ESPORTIVA: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DAS COLUNAS/ISTAS JUCA KFOURI E TOSTÃO SOBRE A COPA DO MUNDO DE 2014 NA FOLHA DE S. PAULO

ANALYTICS OF SPORTS MEDIATIZATION: DISCURSIVE STRATEGIES OF JUCA KFOURI AND TOSTÃO SPEAKERS ON THE 2014 WORLD CUP IN FOLHA DE S. PAULO

Gilson Luiz Piber da Silva[1]

Resumo: O artigo propõe-se a examinar a analítica da midiatização esportiva, por meio das estratégias discursivas das colunas redigidas por Juca Kfouri e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014 no jornal Folha de S. Paulo. O problema de pesquisa está formulado nos seguintes termos: como se manifesta a analítica da midiatização na esfera do jornalismo

1. Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos/RS. Mestre em Ciências da Linguagem pela Unisul/SC. É jornalista da Rádio Universidade (UFSM) e professor adjunto do curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (Unifra), em Santa Maria/RS. Email: gpiber@gmail.com.

esportivo, a partir das estratégias discursivas e enunciativas das colunas de Juca Kfouri e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014 no jornal Folha de S. Paulo? A análise resulta que a analítica ocorre em torno de marcas de enunciação e de estratégias discursivas, realizadas pelo trabalho da coluna/colunistas no complexo universo do jornalismo. Entende-se, portanto, a analítica da midiatização como modos de dizer, apontar e avaliar um determinado acontecimento na perspectiva e iniciativa de sujeitos.

Palavras-chave: Estratégias discursivas. Analítica. Colunas/colunistas. Midiatização. Copa 2014.

Abstract: The article proposes to examine the analytics of sports mediatization, through the discursive strategies of the columns written by Juca Kfouri and Tostão about the 2014 World Cup in the newspaper Folha de S. Paulo. The research problem is formulated in the following terms: how does the analysis of mediatization in the sphere of sports journalism manifest itself, based on the discursive and enunciative strategies of the columns of Juca Kfouri and Tostão on the 2014 World Cup in the newspaper Folha de S. Paulo? The analysis results that the analytic occurs around marks of enunciation and of discursive strategies, realized by the work of the column / columnists in the complex universe of the journalism. It is understood, therefore, the analytics of mediatization as ways of saying, pointing out and evaluating a certain event in the perspective and initiative of subjects.

Keywords: Discursive strategies. Analytical. Columns/columnists. Midiatization. 2014 World Cup.

1 Introdução

Consideramos a coluna jornalística, de modo geral, e as colunas esportivas de Juca Kfouri e Tostão publicadas no jornal Folha de S. Paulo (FSP), espaços singulares e recortados, com autoria, regularidade, temática, regras e enunciação próprias. São lugares de mediação, associados a práticas que se estruturam e se desenvolvem a partir de operações de

sentido engendradas no âmbito enunciativo da cultura midiática. Também nos chamou atenção o fato de os dois colunistas não falarem só sobre futebol, com seus aspectos físico, técnico e tático, mas de outros assuntos - economia, política, cultura, sociedade. Formulamos o nosso problema de pesquisa nos seguintes termos: como se manifesta uma analítica da midiatização na esfera do jornalismo esportivo, a partir das estratégias discursivas e enunciativas das colunas de Juca Kfouri e Tostão sobre a Copa do Mundo de 2014, publicadas no jornal FSP?

Juca Kfouri e Tostão, atores sociais reconhecidos no jornalismo esportivo brasileiro, ao assinarem colunas para a FSP, oferecem agendas singulares aos leitores na formação de suas ideias e de seus comportamentos. Ambos os colunistas adotam estratégias discursivas e enunciativas, segundo operações que dão, às narrativas, singularidade, ao tratarem a temática da Copa em três momentos específicos, o antes, durante e após o certame. O objetivo geral do artigo é compreender as estratégias discursivas e enunciativas das colunas jornalísticas esportivas escritas por Juca Kfouri e Tostão, na FSP, sobre a cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 2014 no Brasil, a fim de descrever o funcionamento de uma analítica diferenciada sobre a midiatização do Mundial de 2014.

A Copa do Mundo de Futebol é um macro acontecimento, de caráter mundial, que é construído por meio de intervenções de estratégias de diferentes campos sociais. Pode ser considerado um fenômeno cultural diverso porque seu desenvolvimento se dá através de uma complexa construção, envolvendo muitas operações, agenciamentos, transações etc. Tais fatores levam o jornalismo a lidar com esse acontecimento, segundo variadas motivações e perspectivas interpretativas. No caso dos colunistas, eles trabalham em termos de enunciação com uma analítica que se engendra nas discursividades que se manifestam em suas colunas durante os momentos da Copa – antes, durante e depois.

Na nossa tese, o período estudado foi de 1º de janeiro de 2014 a 14 de agosto de 2014, com ênfase em três momentos da Copa do Mundo, o antes (de 1º de janeiro a 11 de

junho), o durante (de 12 de junho a 13 de julho) e o depois do acontecimento esportivo (de 14 de julho a 14 de agosto). Nesta fase, foram publicadas cerca de 300 colunas de Juca Kfouri e Tostão. Destemido total, elegemos um corpus de 178 colunas, levando em conta a extração de textos que abordavam a temática Copa do Mundo de 2014. Das 178, inicialmente, selecionamos 53 colunas. Na sequência, esse número caiu para 41 em virtude de marcas repetidas dentre as colunas escolhidas. O corpus final fechou em 30 colunas. A partir daí, definimos quatro categorias para análise*:* **1) operações alusivas à midiatização 2) tematização explícita, 3) operações comparativas e 4) marcas interpretativas (avaliativas),** que foram identificadas nos materiais pré-observáveis.

A categoria de **operações alusivas à midiatização** trata das relações das colunas com outras marcas que envolvem elementos da midiatização. Na sua abrangência, algumas marcas também operam no interior do próprio ambiente onde as colunas são publicadas, no caso, o jornal. Por exemplo, com a ambiência da internet, com outros colunistas, com outras mídias, mostrando marcas de sua co-determinação com outros discursos, e tensões com o próprio discurso da Folha. Já a categoria de **tematização explícita** enfatiza as operações de especificação do acontecimento, no caso a Copa do Mundo, encontradas nos títulos das colunas, e de avaliação, como críticas, julgamentos, predição etc. A categoria de **operações comparativas** observa comparativos feitos pelos colunistas como, por exemplo, sobre as Copas já disputadas e as seleções participantes, entre outros aspectos. Por fim, a categoria de **marcas interpretativas (avaliativas)** dá destaque às expressões linguísticas trazidas nas colunas, segundo modalizadores.

2 A midiatização das práticas sociais e jornalísticas

Inicialmente, trazemos o conceito de midiatização, com base em autores vinculados a diferentes contextos de produ-

ção acadêmica, principalmente, e segundo ângulos que são refletidos no quadro brasileiro, latino-americano e europeu.

O argentino Eliseo Verón é o pioneiro na construção conceitual de midiatização no contexto latino-americano. Suas pesquisas servem de base para outros estudos, particularmente, os desenvolvidos no PPGCOM da Unisinos, ao qual nos filiamos. Segundo ele mesmo formula, da perspectiva histórica de longo prazo.

> A midiatização certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose. Essa capacidade foi progressivamente ativada, por diversas razões, em uma variedade de contextos históricos e tem, portanto, tomado diferentes formas. Entretanto, algumas das consequências estiveram presentes em nossa história evolucionária desde o início e afetaram profundamente a organização das sociedades ocidentais muito antes da modernidade (Verón, 2014, p. 14).

Verón (2012, p. 18) trata de deixar claro que a midiatização é a exteriorização de processos cognitivos que teria iniciado com a indústria da pedra e de "maneira plena na famosa revolução neolítica". Para ele, a midiatização tem características particulares nos últimos tempos e implica a materialização de processos cognitivos. Verón destaca que o desafio atual é compreender o papel dos dispositivos, pois sobre eles está calcado o conceito de midiatização.

A midiatização, na ótica de Gomes (2015), é um conceito que descreve o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considera as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural. Grosso modo, midiatização significa ação de midiatizar, dar visibilidade, colocar na mídia. Porém, Gomes (2015, p. 33) destaca mais que isso, dizendo que "cada um lhe dá o signi-

ficado (midiatização) que melhor lhe agrada... e o conceito de midiatização é tratado através de múltiplas vozes". Isso significa que existe uma atividade intensa de elaboração sobre tal conceito no mundo acadêmico, em termos recentes.

A midiatização afeta, também, as práticas jornalísticas, segundo o trabalho de várias operações tecno-discursivas. Há mutações em curso, em função da emergência de outros dispositivos técnicos. Também há uma outra lógica produtiva, na qual o leitor faz parte do ambiente jornalístico, interagindo, opinando, sugerindo, compartilhando e criticando os materiais produzidos. Nesse contexto da midiatização, é preciso entender que as relações entre os campos sociais, seus sujeitos e a sociedade mudam e que o jornalismo é considerado uma prática específica que faz parte de um campo mais amplo, o midiático, e possui características singulares que lhe garantem o domínio e a ingerência sobre uma área específica da experiência (Rodrigues, 2000).

Invariavelmente, os jornais possuem os seus manuais de redação, nos quais as práticas e os procedimentos dos profissionais estão regulados. De um lado, os manuais buscam estabelecer uma homogeneidade de texto linguístico e jornalístico entre seus pares. De outro, traçam a linha editorial do impresso e apontam diretrizes a serem observadas pelo jornalista. Isso é posto de forma objetiva, porém, cada profissional é diferente do outro, pela sua capacidade intelectual, bagagem cultural, sensibilidade e histórico de vida. Cada profissional afeta e é afetado pelas rotinas produtivas na redação onde trabalha e por referências do próprio contexto em que vive. Assim, o jornalista já não é mais soberano no trabalho de produção da notícia. Há um "modelo de enunciação que escapa à edição do jornal. Fontes investem em operações e regras, pondo em xeque a regência unilateral do ato jornalístico de produção da realidade" (Fausto Neto, 2009, p. 20).

Outros passos do processo envolvem a diagramação das páginas do jornal, as imagens (fotografias), a impressão e a distribuição ao leitor-assinante ou de banca no dia seguinte. Outra rotina passa pelo fechamento da edição, normalmente entre 19h e 22h, principalmente em jornais do interior. Com o

advento da Internet, a maioria dos jornais passou a ter sites, para concorrer com o rádio, a televisão e os próprios portais pela instantaneidade e o imediatismo das informações. Porém, não vamos avançar aqui nesta abordagem.

O entorno do jornalismo é afetado por transformações na ambiência do trabalho jornalístico, por parte das dinâmicas da midiatização, como explica Fausto Neto:

> O avanço nos processos físicos da circulação, envolvendo nichos de produtores e leitores, repercute sobre o processo da noticiabilidade na medida em que as condições de sua gestação passam a ser o grande acontecimento das atuais rotinas jornalísticas (Fausto Neto, 2009, p. 23).

A gestação da produção jornalística ganha espaço nas atuais rotinas e cria uma nova relação entre os ditos "profissionais da notícia" e os leitores. Fausto Neto comenta:

> O que nós estamos chamando de ambiente do jornalismo, é, digamos assim, o seu grande entorno, tão bem descrito pelas teorias clássicas dos anos 1960. Essas teorias que falavam das rotinas, da divisão do trabalho, dos valores-notícias. Mudanças na ambiência de trabalho afetam largamente a divisão social de trabalho inerente ao mundo do jornalismo. Vemos hoje, que grandes jornais brasileiros, por exemplo, estão a publicizar, estão a autodescrever, as formas e as características de funcionamento dos seus ambientes, nos quais se organiza a produção da noticiabilidade. A redação jornalística já não é mais a redação dos anos 1970, 1980 e mesmo a dos anos 1990 (Fausto Neto, 2015, p. 175).

A publicização da atividade jornalística é levada até o leitor, com o intuito de mostrar detalhadamente o trabalho realizado pelos profissionais e, sobretudo, para aproximar

esse mesmo leitor do "ambiente do jornalismo", fazendo-o parte do processo.

Fausto Neto (2006) afirma que as práticas jornalísticas são transformadas num novo dispositivo de produção de sentidos em função das "descontinuidades produzidas pelas instituições; o avanço da midiatização (...) e o papel dos seus atores, convertidos em especialistas - com rosto e nome, como forma de existência" (Fausto Neto, 2006, p. 3). A relação do jornalista com a sua profissão sofre alterações. O jornalista do século XXI produz os seus textos fora das redações, graças à internet e ao aparato tecnológico, como smartphones, tablets, notebooks e netbooks, sem falar nas redes sociais, como Twitter e Facebook.

Braga (2012) percebe hoje a midiatização da sociedade como uma criação e recriação contínua de circuitos, nos quais, articulados com processos de oralidade e processos do mundo da escrita, os processos que exigem ou exercem intermediação tecnológica se tornam particularmente caracterizadores da interação. Diz que, na sociedade em midiatização, não são "os meios", ou "as tecnologias", ou "as indústrias culturais" que produzem os processos – mas sim todos os participantes sociais, grupos ad-hoc, sujeitos e instituições que acionam tais processos e conforme os acionam (Braga 2012). O envolvimento vai além dos meios técnicos e coloca sujeitos e instituições no centro da processualidade, com ênfase para os circuitos e as interações estabelecidos entre as partes envolvidas.

Para Ferreira (2002, p. 10), o jornalismo é um campo de significação e de conhecimento, não podendo ser reduzido a um "espaço de conflito entre objetividade e sensacionalismo, compreensão ou mercado, democracia ou manipulação, mesmo que esses conflitos sejam observáveis". Esse "campo de significação" vai além dos conflitos internos e externos do jornalismo e da própria sociedade, afinal, existe uma representação mental relacionada a uma forma linguística, um conjunto de sinais, uma acepção, um sentido, um significado. Quanto ao "campo de conhecimento", está o ato ou efeito de conhecer, de perceber ou compreender por meio da razão e/ou da experiência. O jornal seria uma matriz que "não coman-

da apenas a ordem dos enunciados, mas a própria postura do leitor" (Mouillaud, 1997, p. 32).

3 A analítica da midiatização

Aproximando o conceito de analítica ao universo da análise de fenômenos de midiatização com a perspectiva de estudá-los, Fausto Neto (2008) propõe que se trata de um:

> trabalho de leitura realizado por uma modalidade de comunicação, segundo práticas que envolvem dispositivos tecno-discursivos que tomam como referência o modo de existência das lógicas e dos pressupostos da cultura midiática, se estruturam em suas próprias formas de linguagens e por meio de operações de sentido para construir realidades, na forma de textos nos quais se figuram representações sobre a realidade construída (Fausto Neto, 2008, p. 94).

Entendemos a analítica da midiatização como um conjunto de operações realizadas por um determinado dispositivo, no caso o colunista, visando a instituir relação com o outro - o indivíduo ou o mundo -, no sentido de escutá-lo, mas também de interpretá-lo, elegendo, portanto, como objeto tentativo, a realidade do acontecimento esportivo. Ainda nesta direção, entendemos a analítica como enquadres de argumentos, de figuras de linguagem, de relação de tensão e de enunciações (marcas). Em outras palavras, a analítica é o modo de dizer e de escutar o objeto, os atores sociais, bem como de observar o outro no sentido do mundo que circunda o jornalismo, por exemplo. Trata-se de uma analítica específica porque reúne pré-requisitos que a distinguem de outras analíticas que são proferidas por outras práticas, especialmente seus peritos e narratividades. Assim, associamos a ideia de enunciação como um ato analítico, no sentido de modo de ler o mundo, através do ato linguístico-discursivo. A analítica é um aparelho de apreensão, classificação, qualificação e interpretação do mundo.

4 As analíticas em exame

Partimos para o exame das analíticas das colunas de Juca Kfouri e Tostão na FSP, levando em conta o terceiro momento, ou seja, o depois da Copa do Mundo. Foram selecionadas dez (10) colunas, sendo cinco (5) de cada colunista.

4.1 De olho na analítica de Juca Kfouri: o depois da Copa

Vamos examinar colunas de Juca Kfouri que foram publicadas na FSP depois da Copa, a chamada fase três do nosso trabalho, período compreendido entre 14 de julho e 14 de agosto de 2014. Nosso corpus de análise para esta etapa é de cinco (5) colunas, nas quais o olhar recai sobre os títulos e enunciados dos materiais selecionados. As quatro categorias - **operações alusivas à midiatização, tematização explícita, operações comparativas e marcas interpretativas (avaliativas) –** norteiam a análise das colunas escolhidas.

Começamos a análise pelos títulos, na categoria de **tematização explícita.**

4.1.1 Títulos e operações de tematização da Copa

Nos materiais selecionados nesta fase pós-acontecimento esportivo, Juca Kfouri volta a não tematizar a Copa nos títulos das colunas de maneira direta, já que o acontecimento esportivo foi finalizado e as observações recaem sobre os resultados e consequências. Assim, o colunista parte para uma titulagem avaliativa, de críticas e de julgamentos.

A coluna de **14 de julho de 2014** traz como título **Um tetra épico,** onde o colunista valoriza a quarta conquista da Alemanha em Copas e diz que o tetra foi merecido. O termo *épico* remete a notável, esplêndido e sublime, principalmente porque os alemães impuseram uma goleada de 7 a 1 sobre o Brasil, em pleno solo nacional, no Estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, na fase semifinal, antes de baterem a Argentina, por 1 a 0, na prorrogação da final.

Em **Sinal vermelho (24.07.2014),** o colunista comenta que as derrotas para a Alemanha (7 a 1), na semifinal, e a Holanda (3 a 0), na disputa do 3º lugar, vão além dos 10

gols sofridos nas duas partidas. Os termos **sinal** e **vermelho** servem de indicativo para algo fechado, numa relação com o semáforo de trânsito, mas sobretudo estão relacionados com **perigo**, no caso, para o nosso futebol, após os dois resultados frustrantes na Copa.

No título **Talvez desenhando (27.07.2014),** questiona quem avalia as consequências sem analisar a causa que conduz à perpetuação do equívoco, no caso, o mau desempenho da seleção brasileira na Copa de 2014. Trata-se de um recado aos dirigentes que comandam o futebol brasileiro, ou seja, membros da CBF. **Desenhar** significa mostrar, por meio de traços, desenhos, imagens e sinalizações, por exemplo, como algo deve ser feito para funcionar. O colunista usa de ironia e faz fortes críticas até à Globo, rede de televisão que tem os direitos de transmissão dos jogos da seleção em canal aberto. Juca Kfouri é ainda mais incisivo e questionador ao cobrar, na coluna seguinte, na bateria de críticas que faz à CBF, do então presidente da CBF na época, José Maria Marin, explicações da goleada de 7 a 1 para a Alemanha no Mundial. Em **Ei, Marin, e o 7 a 1? (31.07.2014),** o colunista diz que os brasileiros sempre vão se lembrar da semifinal no Mineirão, porque os cartolas se acham mais espertos do que são.

Na coluna **Na marca do pênalti (03.08.2014),** o foco de Juca está na semana da possível votação da Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte, na Câmara Federal, em Brasília. Para ele, a aprovação representaria melhorias na gestão do esporte nacional, leia-se, o futebol. A expressão **na marca do pênalti** encaminha para algo importante, de atenção, decisivo, em um jogo de futebol, a marcação de um gol, numa relação entre o goleiro e o batedor. Se a penalidade for convertida, a alegria do cobrador. Se o pênalti for chutado para fora, bater na trave ou ocorrer a defesa, o goleiro festeja com os demais colegas de time.

4.1.2 Operações alusivas à midiatização

A categoria de **operações alusivas à midiatização** passa a balizar a nossa análise, a partir deste momento, por

meio da descrição de um fragmento de texto selecionado em uma das cinco colunas de Juca Kfouri sobre a fase três (3) da analítica, o depois da Copa.

No enunciado **É possível até que a TV se dê conta de que já não vale tanto a pena investir na baixa qualidade deste futebol que trocou o hexa por sete palmos e apostou em Dunga,** na coluna **Sinal vermelho (24.07.2014),** Juca evidencia relações do jornal com outra mídia, ou seja, a TV, sendo uma marca visível de midiatização. Ou seja, a bateria analítica se expande, afetando também a mídia televisiva, que investe muito dinheiro para adquirir os direitos de transmissão dos jogos de futebol, principalmente numa Copa do Mundo. As marcas destacadas são **já não vale tanto a pena investir**, **baixa qualidade deste futebol**, **trocou o hexa por sete palmos e apostou em Dunga**. A TV investe no futebol, mas busca retorno publicitário e audiência. Com resultados ruins da seleção brasileira, o investimento fica prejudicado.

4.1.3 Operações comparativas

O momento três (3) da analítica de Juca Kfouri, o após a Copa, aponta um enunciado que contempla a categoria de **operações comparativas,** segundo as colunas selecionadas para esta etapa. Isso ocorre em **Sinal vermelho (24.07.2014),** no enunciado **Mexer no futebol brasileiro é tentar mudar a instituição mais resistente ao novo que temos no país, o que há de mais refratário a quaisquer novidades, dominado por gente que se contenta em raspar o tacho e nem liga se matar a galinha dos ovos de ouro.** O enunciado apresenta duas operações comparativas quando trata de comparar **mudar x resistente** e **refratário x novidades,** usando a palavra **mais** (duas vezes) como essa marca de comparação.

4.1.4 Marcas interpretativas

Destacam-se, nesta etapa, operações da categoria de **marcas interpretativas (avaliativas),** que buscamos nas co-

lunas de Juca Kfouri que contemplam a fase três da nossa pesquisa, o pós-Copa.

Como exemplo um (1), na coluna **Um tetra épico (14.07.2014),** Juca avalia o Mundial no enunciado **ACABOU** (modalização afirmativa) A COPA que se imaginava um vexame fora dos estádios e uma apoteose brasileira dentro, com a consagração do hexacampeonato. Deu-se **exatamente** (marca via advérbio de modo) o inverso. Trata-se de uma marca interpretativa utilizada pelo colunista. Ainda na mesma coluna, Juca faz nova avaliação crítica do Mundial no enunciado dois (2): **A seleção brasileira registrou seu maior fiasco em cem anos de história e, embora a Copa do Mundo tenha sido, futebolisticamente** (marca via advérbio de modo) **falando, de grande qualidade, o legado esportivo que deixa é a tardia, e urgente, reforma de métodos de gestão na podre estrutura de poder da CBF e suas apaniguadas federações.**

No enunciado três (3) da coluna **Um tetra épico (14.07.2014)**, Juca usa a estratégia de argumentação, ao afirmar que **Por menos que** (marca de argumentação) **os adeptos do quanto pior melhor queiram admitir, o Brasil, graças** (outra marca de argumentação) **à simpatia popular e às suas belezas que encantam e cegam os estrangeiros, também ganhou** (modalização afirmativa). O colunista desenvolve 'teses' acerca de opiniões divergentes em torno das quais figura a opinião pública sobre a Copa. Porém, ele aponta, segundo seu argumento, algo que se destaca da ideia dominante.

O enunciado 4, ainda na coluna de 14 de julho de 2014, parte de uma construção demonstrativa, segundo várias figuras, mas contém argumento: ...elefantes brancos que ficarão como heranças pesadas, superfaturamentos, mortes de trabalhadores nos estádios ou embaixo de viadutos, feriados para minimizar congestionamentos, desocupações desumanas, falta de iluminação no jogo de abertura, invasão de torcedores no Maracanã, prisões arbitrárias para evitar manifestações, shows pífios de abertura e encerramento, enfim (marca de argumento), o rebaixamento, como (outra marca de argumentação) vingança, do tal padrão Fifa, por mais que

(mais uma marca de argumentação), de fato, os estádios sejam belos e confortáveis, avalia, de uma forma descritiva e demonstrativa, por Juca Kfouri, os problemas ocorridos durante a Copa e o legado deixado com o fim do certame. Talvez, esse tipo de enunciado seja um dos mais típicos das estratégias argumentativas, quando usadas pelo colunista.

Na coluna **Talvez desenhando (27.07.2014),** Juca parte de uma construção dubitativa, marcada pela dúvida, e interpela em seguida o leitor da sua coluna, numa operação de marca interpretativa. Trata-se de uma operação de dupla deferência ao leitor, ao chamá-lo de você e não qualquer leitor, mas um raro, ao ser tratado de caro e específico. A partir daí, dirige perguntas ao leitor: **Você, raro leitor, já conversou com José Maria Marin, com seu antecessor ou com seu sucessor?** E Juca dirige nova pergunta: **Se não, já parou para: prestar atenção numa entrevista, num pronunciamento deles?** O colunista se mantém firme na postura de criticar os dirigentes da CBF. Na sequência da coluna, o enunciado **tal estrutura não se romper, virá um Felipão para ser campeão e outro para sofrer humilhação. Um Dunga para brigar com a sombra ou pregar paz e amor. Ou um Parreira para dar vinho ou vinagre** aponta que o futebol brasileiro só vai mudar quando a estrutura de comando for alterada. Na mesma linha, Juca chama a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) de **Casa Bandida do Futebol**. Aparece uma marca que atravessa todas as outras operações, ao nomear significante o título que deveria ser atribuído à CBF.

Juca volta a atacar a dupla Marin e Del Nero, interpelando-os, duplamente, já no título de uma coluna, seja pela interjeição com que os interpela seja ainda pelo enunciado formulado em forma interrogativa: **Ei, Marin, e o 7 a 1? (31.07.2014),** quando utiliza duas marcas interpretativas: **Ambos, filhotes da ditadura, não podem ser esquecidos, além é claro, do 7 a 1, por mais manobras de frágil maquiavelismo arquitetadas pela dupla...** O colunista também une Marin e Nero pelo símbolo do cifrão, que remete a dinheiro, em duas expressões no seu texto: **Marin$Nero** e **Nero$Marin**.

Ainda da coluna Ei, Marin, e o 7 a 1? (31.07.2014), extraímos o enunciado ALOIS ALZHEIMER...alemão...Não era jogador de futebol como os autores dos sete gols alemães na semifinal da Copa do Mundo no Brasil. Era psiquiatra e descobridor da terrível doença neurodegenerativa, causadora do apagão...da memória. Juca busca no campo da saúde um discurso para atravessar o campo esportivo, tornando a analítica mais complexa na sua coluna. Trata-se de uma operação que visa a validar o discurso por um outro, que é mobilizado como correferência.

O depois do certame, fase três (3), faz com que Juca Kfouri eleja títulos avaliativos, críticos e sentenciadores. As estratégias de argumentação ganham destaque, bem como marcas interpretativas fortes para cobrar, principalmente da CBF e de seus dirigentes, ações efetivas para mudar o futebol brasileiro.

4.2 De olho na analítica de Tostão: o depois do Mundial

Ao analisar os textos de Tostão situados no momento três (3) - o depois do Mundial – no período compreendido entre 14 de julho e 14 de agosto de 2014, o corpus é constituído por cinco (5) colunas, nas quais os títulos e enunciados são analisados à luz das quatro categorias - **operações alusivas à midiatização, tematização explícita, operações comparativas e marcas interpretativas.** Iniciamos a análise pelos títulos, na categoria de **tematização explícita**.

4.2.1 Títulos e a tematização da Copa

Nesta fase, a tematização da Copa é explicitamente mais avaliativa, sobretudo diante dos resultados do evento esportivo e os efeitos destes resultados, especialmente para a seleção brasileira, e das consequências deles.

Na coluna **Título merecido (14.07.2014*),*** Tostão qualifica o título da matéria, ao adjetivar a natureza do mesmo (merecido), e faz comentários sobre a final da Copa entre Alemanha e Argentina, vencida pelos alemães. No texto, em um enunciado, o colunista valoriza o trabalho de longo prazo no futebol: **O time alemão começou a se formar em 2006**.

São textos marcados por fortes questionamentos, como, por exemplo, em **Triste realidade (23.07.2014),** quando critica a volta de Dunga ao comando técnico da seleção brasileira. Afirma ter ficado perplexo, surpreso e sem entender nada com o retorno do treinador, que comandou o Brasil na Copa de 2010. Ele define o perfil ideal de um treinador para a equipe nacional, pois **A Seleção precisa de um técnico que una conhecimento científico com a sabedoria de um bom observador, a gana de vencer com o prazer de jogar bem, de uma maneira agradável, e que tenha independência e criatividade, sem esquecer o pensamento cartesiano**.

A coluna intitulada **De vez em quando (30.07.2014)** remete aos aspectos positivos que o futebol brasileiro possui, em certas ocasiões. No texto, Tostão faz alusão a isso no enunciado: **Há coisas boas no futebol brasileiro. De vez em quando, vejo excelentes partidas, belos lances e times com um jogo coletivo, moderno e eficiente. De vez em quando, vejo partidas com poucas faltas, poucas simulações, poucos chutões, poucas trombadas, poucas discussões e poucas ofensas. De vez em quando, vejo estádios cheios e boas arbitragens. De vez em quando, vejo dirigentes com boas ideias.** A expressão **de vez em quando** é usada várias vezes no texto, para lembrar que os avanços do selecionado dependem de situações episódicas vivenciadas por este coletivo.

Em Mentiras têm pernas curtas (03.08.2014), Tostão aborda as mentiras do futebol brasileiro. No texto, ele é enfático na avaliação. Eis um enunciado que traduz isso: O desconhecimento, a indústria do entretenimento e o marketing exagerado ajudam a criar grandes mentiras. Jogadores medianos são anunciados como bons, e os bons, como craques. Técnicos medíocres são tratados como mestres. O torcedor, consumidor, é enganado. A mentira de que o Brasil continuava com o melhor futebol do mundo foi desmascarada na Copa. Mentiras têm pernas curtas.

No texto da coluna cujo título é **Enquanto isso... (13.08.2014),** Tostão observa que os envolvidos com futebol no Brasil devem estudar e aprender para não repetir condutas

e discursos ultrapassados, como ocorreu na Copa do Mundo. No enunciado a seguir, o colunista comenta: **O Brasil precisa estudar e evoluir... Enquanto isso, pessoas despreparadas, interesseiras, bajuladoras e sem nenhuma gana de aprender e de evoluir repetem condutas e discursos ultrapassados e se perpetuam no poder e no comando técnico do futebol. Enquanto isso...** A expressão **enquanto isso** também articula o texto e leva a crer que o tempo passa e a situação do futebol nacional não melhora.

4.2.2 Operações alusivas à midiatização

A categoria de **operações alusivas à midiatização** passa a orientar a nossa análise, a partir de agora, por meio da existência de marcas em enunciados que apontam registros de referência da ambiência da própria midiatização. Assim, selecionamos cinco colunas sobre a etapa três (3) da analítica, o depois do Mundial.

No enunciado Raríssimos foram os que, antes do Mundial, criticaram Felipão e o time, como Mauro Cezar Pereira, da ESPN Brasil, na coluna Título merecido (14.07.2014), o colunista busca na correferência de matéria de outra mídia, a fonte da sua argumentação. Tostão apresenta as relações do jornal com outra mídia, ou seja, o canal televisivo ESPN Brasil e um jornalista membro desta instituição (Mauro Cezar Pereira).

Da coluna De vez em quando (30.07.2014), foi retirado o enunciado "Os que têm estudo explicam a claridade e a treva, dão aulas sobre os astros e o firmamento, mas nada compreendem do universo e da existência, pois bem distinto de explicar é compreender e quase sempre os dois caminham separados" (O Albatroz Azul, de João Ubaldo Ribeiro). Tostão volta a utilizar uma construção literária, a fim de dar corpo aos argumentos e reflexões que fez sobre o fracasso da seleção. Desta forma, promove um atravessamento de campos sociais e complexifica a analítica.

Outra operação alusiva à midiatização aparece em um enunciado da coluna **Enquanto isso... (13.08.2014): Lembro-me ainda de uma recente entrevista de Edu Lobo**

a Roberto D'Ávila, na Globo News. Tostão estabelece relações com outra mídia, o canal televisivo por assinatura **Globo News**, e utiliza suas construções como estratégia de apresentação de seus argumentos.

4.2.3 Operações comparativas

O estágio três (3) da analítica de Tostão, o depois do Mundial, contempla a categoria de **operações comparativas** em dois enunciados.

Em Título merecido (14.07.2014), os operadores de avaliação comparativa no enunciado da coluna são as palavras **antes, até** e **agora,** com função temporal. A redação de Tostão foi a seguinte: **Antes do Mundial e até o jogo contra a Alemanha, a maioria estava otimista com o Brasil... Agora, a maioria dos que eram otimistas critica os que não conseguiam enxergar a realidade**.

Na coluna **Mentiras têm pernas curtas (03.08.2014),** Tostão escreve que **As mentiras são frequentes em todas as áreas, em todo o mundo, especialmente no futebol brasileiro. Muitas se confundem com os autoenganos.** O termo **com** é o operador da avaliação comparativa entre as mentiras do futebol brasileiro e os autoenganos.

4.2.4 Marcas interpretativas

O momento três (3) da análise, o depois do Mundial, parte para apontar operações da categoria de **marcas interpretativas** nas cinco colunas de Tostão que selecionamos.

Na coluna ***Triste realidade (23.07.2014),*** Tostão utiliza a expressão interrogativa **Por que Dunga?** na abertura de quatro parágrafos do texto, tornando-a um operador interpretativo e questionador. O colunista questiona a escolha da CBF pelo técnico, que já dirigiu a seleção brasileira na Copa de 2010, na África do Sul, e comenta: **A realidade é outra, triste. A realidade é Dunga.** Assim, ele avalia esta nova conjuntura do futebol brasileiro.

Em **De vez em quando (30.07.2014),** Tostão parte para enunciados que se fundem em avaliações e sentenciamentos, misturando-os com enunciados de natureza progra-

mativa, como, por exemplo; **O problema do futebol brasileiro é que as coisas boas acontecem de vez em quando. É preciso haver um grande esforço de todos para que as coisas boas ocorram com mais frequência. Para isso, é necessário ter mudanças, dentro e fora de campo, que deveriam começar pela CBF**. Surgem operadores que referendam isso, como **coisas boas** (duas vezes) e a dualidade entre **de vez em quando** e **com mais frequência**.

Por fim, na coluna **Enquanto isso... (13.08.2014),** Tostão parte para uma avaliação em caráter conclusivo sobre o futebol brasileiro, identificando os desafios que devem ser enfrentados, como metas programativas: **O Brasil precisa estudar e evoluir. Enquanto isso, pessoas despreparadas, interesseiras, bajuladoras e sem nenhuma gana de aprender e de evoluir repetem condutas e discursos ultrapassados e se perpetuam no poder e no comando técnico do futebol.** A expressão **enquanto isso** remete à perda de tempo e demora na evolução do futebol nacional.

No depois do Mundial, na instância três (3), o colunista Tostão é avaliativo e questionador nos títulos, principalmente após a eliminação do Brasil na Copa, na goleada de 7 a 1 sofrida para a Alemanha, na semifinal. A literatura, o esporte e o jornalismo estão ligados nas operações de midiatização.

5 Algumas considerações

A coluna enuncia, fala, opina, modaliza e tematiza. Sua singularidade está no trabalho discursivo que seus enunciadores realizam, bem como nos efeitos de sua simbólica, mesmo sendo uma unidade da totalidade do jornal.

O depois da Copa de 2014, fase três (3), fez com que Juca Kfouri elegesse títulos avaliativos, críticos e sentenciadores. As estratégias de argumentação ganharam destaque, bem como marcas interpretativas fortes para cobrar, principalmente da CBF e de seus dirigentes, ações efetivas para mudar o futebol brasileiro. A característica central da analítica do Juca é a vigilância crítica do mundo esportivo.

Já Tostão teve tom avaliativo e questionador nos títulos, principalmente após a eliminação do Brasil na Copa, na goleada de 7 a 1 sofrida para a Alemanha, na semifinal. A literatura, o esporte e o jornalismo estiveram conectados nas operações de midiatização.

É possível afirmar que Juca e Tostão tiveram uma analítica diferenciada da Copa do Mundo de 2014 e expuseram isso por meio das suas colunas. Juca trouxe, do viés das Ciências Sociais, o seu espírito crítico e combatente, ao avaliar e interpretar as questões do esporte, principalmente do futebol, contextualizando com o mundo externo mais amplo. Ele é uma espécie de ´militante esportivo´, que detesta os dirigentes da CBF e aqueles que se aproveitam do mundo esportivo e legislam em causa própria.

Tostão, por sua vez, desenvolveu uma analítica de fundo mais didático, saudosista e literário na forma de analisar o futebol. Trouxe consigo eco de uma atividade dentro das linhas do futebol, já que jogou por clubes nacionais, entre eles Cruzeiro (MG) e Vasco da Gama (RJ), além da seleção brasileira, na qual foi tricampeão mundial em 1970, no México. Herdou dessa trajetória o gosto pela técnica e a tática do futebol, bem como pelos aspectos comportamentais e da saúde, já que se formou em Medicina e atuou como professor na UFMG. A analítica de Tostão, invariavelmente, é feita de dentro para fora dos gramados, ao contrário da de Juca, que traz do mundo externo as problemáticas do social e as atravessa com matrizes analíticas de outros campos e discursos. A característica principal da analítica de Tostão é a prática do futebol-arte, ancorado na ciência esportiva. Em enunciação, o trabalho do analista é mostrar como funciona a oferta do discurso, agindo sobre a mesma, através de outros discursos que se manifestam no espaço da coluna.

Referências

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. *In:* J. JANOTTI JUNIOR *et al.* (orgs). *Mediação e midiatização*. Salvador: EDUFBA: Brasília: Compós, 2012.

FAUSTO NETO, A. "A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim". *IHU online*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 13 de abril de 2009. Edição 289.

_____. Enunciação mediática e suas "zonas de pregnâncias". *In:* VELÁZQUEZ, Teresa. *Revista Designis 13*. Buenos Aires: La Crujía, 2009.

_____. Escrituras sobre a enunciação jornalística. *In:* VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor. São Paulo: UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), novembro de 2008.

_____. Fragmentos de uma analítica da midiatização. *In*: *Matrizes*, n. 2, abril 2008.

_____. Notas sobre as estratégias de celebração e consagração do jornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Ano V - n. 1 p. 109-121 jan./ jun. 2008.

_____. *Mutações nos discursos jornalísticos:* Da 'construção da realidade' à 'realidade da construção'. In: A. FELIPPI *et al* (orgs.). Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

_____. *Midiatização, prática social: prática de sentido*. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação e Comunicação (COMPÓS), 15, 2006, Bauru/SP. Anais eletrônicos.

FERREIRA, J. O jornalismo como campo: do homogêneo ao heterogêneo. *Revista Fronteira* (UNISINOS), São Leopoldo, v. 4, n.1, p. 81-94, 2002.

GOMES, P. G. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. *In:* A. FAUSTO NETO *et al. Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones* - 1a ed. Rosario. UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2015. E-Book.

MOUILLAUD, M. *O jornal: da forma ao sentido.* Traduzido por Sérgio Grossi Porto, Brasília: Paralelo 15, 1997.

RODRIGUES, A. A emergência dos campos sociais. *In: Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: UFPI. Editora Revan, 2000.

VERÓN, E. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *Matrizes*, São Paulo, v. 8, n. n. 1, p. 13-19, Janeiro-Junho 2014.

_____. Midiatização, novos regimes de significação, novas práticas analíticas? *In:* M. F. FERREIRA *et al*. (orgs). Mídia, Discurso e Sentido. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.